

Fatores intraescolares associados ao abandono escolar no Chile: um estudo de caso

Oscar Espinoza Díaz, Dante Castillo Guajardo,
Luis González Fiegehen,
Javier Loyola Campos
& Eduardo Santa Cruz Grau

Resumo

O presente artigo tem como objetivo central identificar os fatores de caráter intraescolar que, quando comparados, têm maior incidência no abandono escolar no ciclo primário de crianças de ambos os sexos que vivem em Cerro Navia, uma zona da cidade de Santiago do Chile que se caracteriza por elevados índices de pobreza. A informação qualitativa que serve de base a este trabalho foi obtida através de entrevistas semi-estruturadas aplicadas a duas amostras de 25 casos: uma de menores que abandonaram a escola e outra composta por crianças de ambos os sexos com perfil idêntico que permanecem na escola. Esta informação foi analisada segundo os princípios da análise do discurso e refere-se à percepção dos próprios menores, assim como das suas famílias em relação aos fatores intraescolares de abandono escolar e de permanência dos alunos em escolas públicas de Cerro Navia. Os resultados permitem observar diferenças importantes nos percursos educativos dos que abandonaram a escola e dos que permaneceram na escola, o que indicia o tipo de ações que poderiam adotar os próprios estabelecimentos de ensino de modo a prevenir a abandono escolar precoce dos seus estudantes.

Palavras-chave

abandono; estudantes vulneráveis; pobreza; permanência; fatores intraescolares.

1. Introdução

De acordo com algumas projeções da Comissão Económica para a América Latina e as Caraíbas (CEPAL, 2005), em países como Argentina, Chile, Colombia, Equador, México, Panamá, Perú e Uruguai, pelo menos 95% das crianças que atualmente têm menos de cinco anos de idade concluirão a educação básica ou primária no ano 2015. São precisamente estes países que mais próximos estão da meta traçada pelo referido organismo.

No Chile, os números oficiais sobre o abandono escolar na educação básica indicam que este praticamente não existe, sendo de 99,5% a cobertura nacional ao nível da escola primária. Não obstante, quando estes números se analisam detalhadamente pode observar-se que na quinta parte das crianças mais pobres, a cobertura diminui até aos 98,5% e que, no período 1992-2002, somente 83,5% conseguiu entrar neste ciclo de ensino, nos 10 anos alvo de estudo, segundo a Associação Chilena Pró-Nações Unidas [ACHNU], 2006. Por isso, 16,5% do total dos alunos não terminou sequer a educação básica. Esta percentagem não é distribuída aleatoriamente, dado que são os grupos mais pobres e excluídos que mais sofrem este problema (Espíndola e León, 2002).

O vínculo existente entre pobreza, exclusão e abandono escolar obriga a re-colocar este tema na agenda das políticas educativas, considerando que a educação continua a não ser apenas um dos mecanismos fundamentais de inclusão social das pessoas, e portanto, um direito humano básico, como é também um meio que habilita os sujeitos para um exercício mais amplo dos seus direitos. De facto, quem atualmente não possui a educação básica completa está praticamente excluído de todas as instituições sociais, culturais, políticas e económicas.

No Chile, as percentagens de abandono são marginais, no caso dos sectores mais vulneráveis, os números mostram que em cada ano que passa aumenta o número de crianças e jovens que desenvolvem fora da escola outro tipo de vida cívica que foi definida pelas sociedades democráticas.

Sem dúvida que esta situação requer um conjunto de intervenções integradas que forneçam respostas diversificadas e sequenciais que favoreçam o reencontro com a educação, nomeadamente a sua eventual reincorporação no sistema educativo formal, através de ofertas educativas especializadas, com vista a atingir o objetivo de 12 anos de escolaridade, já que é este o compromisso do Estado Chileno. A possibilidade de sucesso das referidas intervenções radica na correcta identificação dos fatores que levam crianças e jovens a abandonar a escola. Por este motivo, é necessário o aprofundamento das investigações relativas ao fenómeno do abandono e retenção escolares, que adquirem uma importância fundamental.

Nesta perspectiva, e considerada a importância do problema em questão, este trabalho tem como objectivo principal identificar – a partir das próprias experiências e percepções dos alunos que desistem da escola e das respectivas famílias – os factores de carácter intraescolar que, comparativamente, têm uma maior incidência no abandono escolar no ciclo primário das crianças de Cerro Navia, um sector da cidade de Santiago do Chile, caracterizado por elevados níveis de pobreza.

Este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira parte, fazemos uma revisão da literatura considerada relevante acerca do abandono escolar, elegendo os factores intraescolares como questão principal. O abandono escolar constitui um problema que não pode ser compreendido na sua totalidade, se não se atender a uma multiplicidade de factores que o influenciam. Neste estudo, optámos por abordar somente o grupo de variáveis endógenas à escola devido à considerável atenção que recebeu por parte da literatura especializada. Este tipo de estratégia permite, através de um conceito de *itinerário educativo*, identificar e descrever com maior acuidade os factores que têm maior peso na explicação sobre o abandono num setor urbano vulnerável como é o Cerro Navia. Na segunda parte, expomos sucintamente a metodologia utilizada no estudo, caracterizando simultaneamente esta região da cidade de Santiago. Na terceira parte, apresentamos os principais resultados da investigação, focando-se as variáveis intraescolares. No final, apresentamos as conclusões.

2. Fatores intraescolares que influenciam o abandono escolar

O abandono é um processo de alheamento paulatino de um espaço quotidiano – como é a escola – que implica o abandono de certos rituais pessoais e familiares que incidem no desenvolvimento da identidade e na projeção pessoal de uma criança (Comissão Intersectorial de Reinserção Educativa, 2006).

Os factores que estão na origem do abandono escolar costumam agrupar-se em dois grandes grupos interpretativos, cuja ênfase está em variáveis de índole «intraescolar» e «extraescolar», respetivamente. No primeiro, que constitui o enfoque deste artigo, são assinalados os problemas de conduta, o baixo rendimento escolar, o autoritarismo docente e o «adultocentrismo», entre outros factores, que seriam as principais causas que desencadeiam o abandono escolar precoce (Espinoza, *et. al.*, 2010; Marshall, 2003; Rumberger e Lim, 2008). Vários estudos defendem que a escola «fabrica» o fracasso escolar de muitas das suas crianças e jovens. Com esta premissa, pretende-se indicar que a perda de valores, atribuída à assistência e permanência num estabelecimento educativo, também está relacionada com o que acontece dentro da própria escola. Não são

somente as crianças e jovens que, pelo seu desenvolvimento pessoal, perdem o interesse por assistir à escola, mas esta, de alguma forma, também os «expulsa» (Rumberger, 2001; Raczinsky, 2002; Schkolnik e Del Río, 2002). Assim, a repetência, as expulsões e a idade acima da média dos alunos que frequentam determinado ano, são como as ante-câmaras do abandono definitivo sendo notoriamente as mais frequentes nas instituições educativas frequentadas por crianças e jovens provenientes de sectores sócio-económicos mais baixos (Dazarola, 2001; Fiabane, 2002).

Rumberger (1987) indicou que as variáveis intraescolares receberam uma atenção considerável, já que muitos destes fatores se prestam mais facilmente à manipulação visando mitigar o problema do abandono escolar. Certo é que existe uma ampla gama de estudos que fornecem provas empíricas cuja maior probabilidade de abandono escolar está associada a fatores intraescolares, tais como: o baixo rendimento escolar (Balfanz, Herzog y Mac Iver, 2007), a elevada mobilidade estudantil (Ream, 2005; Ream e Rumberger, 2008), a repetência (Roderick, 1995; Jimerson, Anderson e Whipple, 2002) e idade acima da média dos alunos que frequentam determinado ano (Roderick, 1994), assim como a combinação de estas e outras variáveis (Rumberger, 1995; Goldschmidt e Wang, 1999; Croninger e Lee, 2000; Cabrera e La Nasa, 2001).

Juntamente com estes fatores de ordem intraescolar existem outros mais vinculados aos comportamentos dos estudantes no interior da escola. Como fatores determinantes de taxas de abandono mais elevadas, são mencionados comportamentos como o absentismo e a baixa participação nas actividades extracurriculares (McNeal, 1995; Yin e Moore, 2004) - ambos indicadores de um escasso compromisso com a vida escolar, - e o comportamento desviante e as más relações com professores e colegas de escola (Cairns, Cairns e Neckerman, 1989; Ou, Mersky, Reynolds e Kohler, 2007).

Dentro do mesmo âmbito das variáveis intraescolares existem estudos que demonstram a importância dos estabelecimentos escolares como um elemento que se transforma em fator de expulsão (Rumberger, 2001; Rumberger e Lim, 2008). Como bem assinala Rumberger (1987), os fatores escolares que prevêm o abandono não se relacionam somente com o comportamento ou rendimento dos estudantes na escola, mas também se podem referir à incidência das escolas sobre a decisão de abandono ou permanência no sistema escolar. Esta perspetiva ocupa-se das características e condições existentes nas escolas que reduzem ou dão lugar ao abandono, algumas das quais estão «dadas» pelos estabelecimentos escolares e não são por isso de todo controláveis - como a composição social (nível sócio-económico médio dos estudantes, proporção de estudantes vulneráveis, etc.), a sua estrutura (localização, tamanho, carácter público ou pri-

vado, etc.) e os seus recursos (Rumberger e Thomas, 2000; Lee y Burkam, 2003; Rumberger e Palardy, 2005; Finn, Gerber e Boyd-Zaharias, 2005), - enquanto que outras se prestam à intervenção das escolas, tal como as práticas escolares.

Em relação a este último aspeto, Rumberger (2001) e Rumberger e Lim (2008) destacam que as práticas escolares afectam o abandono de maneira indireta, na medida em que podem contribuir para a decisão «voluntária» de abandonar a escola por parte dos estudantes, afetando as condições que os mantêm comprometidos com ela. Outra forma de influência é aquela que a escola exerce de maneira direta, onde o abandono escolar é «involuntário» e iniciado pela própria instituição através de ações punitivas – tais como a suspensão, expulsão ou transferência – que castigam o mau rendimento escolar, o baixo nível de assitência às aulas e os problemas disciplinares dos estudantes (Bowditch, 1993). Um aspeto relativo às práticas e processos escolares que provou ser eficaz na redução das taxas de abandono escolar tem a ver com a generalização de um ambiente escolar positivo, caracterizado, entre outras coisas, pelas boas relações entre os próprios estudantes entre si e entre estes e os seus professores (Bryk e Thum, 1989; Croninger e Lee, 2001; Worrell e Hale, 2001; Elmore, 2004; Rumberger y Palardy, 2005; Hoy, Tarter e Hoy, 2006).

3. Metodologia

Este trabalho conta com a participação de vinte escolas primárias de Cerro Navia, situada na Região Metropolitana de Santiago, Chile. Está localizada no setor poente da cidade de Santiago, e segundo o último censo de abril de 2002, a sua população era de 148.312 habitantes. Em comparação com outras zonas do país, Cerro Navia tem um alto nível de pobreza: de acordo com os dados da Encuesta de Caracterización Socioeconómica (CASEN) de 2006, 17,5% da sua população encontrava-se nesta situação, percentagem superior à registada tanto a nível nacional como metropolitano.

Para cumprir o seu objetivo central, neste estudo trabalhou-se com um registo correspondente à parte dos alunos que abandonaram a educação básica de Cerro Navia entre 2006 e 2008. A amostra dos alunos que abandonaram a escola obteve-se mediante a elaboração de «cadastro» construído a partir da consulta dos livros de ponto, nos quais se regista periodicamente a assistência dos alunos às aulas.

A investigação iniciou-se com a construção de duas amostras, uma de crianças que abandonaram a escola no período de 2006-2008 e outra de crianças que permaneceram nela no ano de 2008. Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas a ambos os grupos de menores, embora, devido às limitações

próprias da idade, muitos deles tiveram de ser entrevistados em conjuntos com os seus tutores ou encarregados de educação. No total foram entrevistados 25 alunos que abandonaram a escola e igual número de alunos que nela permaneceram, com idêntica condição sócio-económica e das mesmas escolas. A informação qualitativa foi analisada segundo os princípios de análise do discurso (Dijk, 1980; Fairclough, 2003), identificando-se nos relatos as vivências escolares que cruzam os relatos de ambos os grupos.

4. Resultados

Nesta parte do trabalho, apresenta-se de forma descritiva a informação sistematizada da perceção dos próprios menores, assim como das suas famílias em relação aos fatores de abandono escolar e permanência dos alunos nas escolas municipais de Cerro Navia. Destacam-se os fatores de carácter intraescolar, ou seja, aqueles que cabem dentro dos *itinerários educativos* das diferentes crianças e jovens entrevistados, sublinhando-se as semelhanças e diferenças existentes nestas trajectórias entre os alunos que abandonaram e não abandonaram a escola e as razões declaradas por parte dos próprios e respetivas famílias.

4.1. Itinerários educativos dos alunos que abandonam a escola e dos que nela permanecem

4.1.1. Baixo rendimento, desmotivação, problemas de comportamento e mudanças contínuas de escola

De uma forma geral, quem abandona a escola revela um grande atraso escolar e não recebeu o apoio necessário, seja no ambiente familiar seja na escola. Entre os entrevistados encontraram-se casos de alunos que abandonaram a escola antes de concluir o ensino básico e que já tinham reprovado por três vezes, enquanto outros por duas. Assim, dois terços dos que abandonaram a escola estavam atrasados em termos escolares pelo menos um ano. Estes fenómenos de atraso escolar agravam-se pela existência de problemas de comportamento ou desmotivação. As famílias e as próprias escolas parecem não ter disponíveis as ferramentas necessárias para travar esta escalada.

Na maior parte dos casos o abandono escolar costuma originar-se lentamente, principalmente, no momento em que os menores estão a entrar na adolescência, e se encontram a frequentar o mesmo ano juntamente com crianças de menor idade. A perda do seu grupo natural de pares torna mais complexa a convivência quotidiana no estabelecimento educativo, podendo debilitar a

convicção de permanecer na escola. Para muitos dos pais este tipo de situações explica o aparecimento de fenómenos de desmotivação e de maior conflituosidade, o que conduz, no final, ao abandono escolar, tal como se ilustra neste testemunho:

“Dava-se bem com as colegas, mas cada vez que repetia de ano, procurava os colegas do primeiro ano do ensino básico, mas no ano em que estava a repetir nunca partilhou brincadeiras com os seus colegas e começaram a pô-la de parte..” (Mãe de Aurora Torres, aluna que abandonou a escola)

Deste modo, as entrevistas revelam um resultado muito claro, assinalando que o rendimento escolar dos menores que abandonam a escola costuma ser deficiente. Na maioria dos casos, estas dificuldades escolares arrastam-se ao longo dos anos, nalgumas ocasiões desde o começo da educação básica. Este tipo de dificuldades são mencionadas pelos pais de modo genérico, infantizando que às crianças em questão sempre lhes custou a adaptação no âmbito escolar. Nas entrevistas não se indicam as ações sistemáticas por parte das escolas ou das próprias famílias que tendem a mitigar o descontentamento que os seus filhos vão acumulando. As referências a este respeito costumam ser pouco significativas e isoladas, muitas vezes vinculadas à ação concreta de algum professor. De uma forma geral, observa-se que a maior parte dos pais ou adultos que têm a cargo estas crianças parecem ter poucas ferramentas para fazer frente à emergência destas dificuldades escolares severas na vida dos menores.

Assim sendo, o baixo rendimento escolar é uma condição que está presente no itinerário da maioria dos jovens que a abandonam. Nalguns casos, os menores tiveram uma trajetória escolar normal, até que num momento específico começaram a surgir problemas. Acontecimentos que podem desencadear este tipo de processos são a mudança de escola, problemas com algum professor, mudanças de turma ou crises familiares, somente para nomear algumas das razões mencionadas nas entrevistas como fatores que propiciam processos de abandono do sistema escolar.

De uma forma geral, os adultos não se apercebem, atempadamente, das dificuldades escolares ou desânimo face ao mundo escolar das crianças e jovens. Devido à informação veiculada pelas entrevistas, sabe-se que a maior parte das famílias tem escassas competências para poder detetar este tipo de problemas, seja pelo facto de se arrastarem há bastante tempo ou terem surgido em momentos de crise. Neste sentido, por exemplo, são escassas as propostas de solução para estas situações de atraso escolar. Esta condição costuma ser ignorada por bastante tempo, ou não é dimensionada de forma apropriada pelas escolas e pelos familiares. Esta situação vê-se agravada pelo fato de a maioria dos pais e

familiares desses menores não possuem capital cultural suficiente para apoiar de forma adequada os seus filhos. Dada a sua condição sócio-económica, os pais dizem não ter recorrido a especialistas externos para os ajudarem a resolver as dificuldades. Nestes casos, os adultos só mencionam a ajuda de psicólogos da escola e a atenção mais personalizada por parte de alguns professores. De fato, muitos dos alunos que abandonaram a escola receberam este tipo de ajuda especializada, o que não parece ter sido suficiente para os mesmos.

Tal como se referiu antes, nem todos os alunos que abandonaram a escola correspondem ao perfil de aluno com um historial de reprovação e consequente repetição do ano e dificuldades escolares. Nem todos os que repetem o ano acabam por abandonar a escola. Para além disso, cabe destacar que uma parte dos que não abandonam tem trajetórias escolares semelhantes aos que abandonam. Inclusivamente, em algumas ocasiões observam-se problemas de comportamento, repetência de ano e desinteresse no estudo. No entanto, esta situação não constitui um caso típico dos que se encontram entre os estudantes entrevistados. Em termos gerais, estes demonstram melhor rendimento, e ainda que alguns tenham repetido um ano escolar, não o fazem com a mesma frequência que se verifica entre os que a abandonam.

Uma característica a destacar dentro do grupo de estudantes vulneráveis (que não abandonaram a escola), é o fato de as suas famílias demonstrarem um maior interesse e apoio quando os menores atravessam dificuldades escolares. Várias das famílias estudadas mostram um maior compromisso com as crianças e jovens a seu cargo que permanecem na escola, assim como com os seus deveres escolares. A ajuda por parte da família somente em algumas ocasiões é realizada por um familiar direto, na maior parte dos casos é pela mãe. Deve ter-se em linha de conta a que estrutura familiar a que nos referimos é heterogénea em termos de composição; por isso em muitos casos é um dos integrantes da família alargada quem pode ajudar o menor durante o dia. Este fato pode ser determinante para a permanência do jovem no sistema escolar.

Outro dos aspetos que se destacam no grupo dos alunos que abandonaram a escola é a frequente mudança de estabelecimento de ensino. Este fato deve-se basicamente às consecutivas repetições de ano e expulsões que sofrem os jovens, se bem que, em menor medida, se geram conflitos dos pais com algum professor ou ainda devido a mudanças de residência. Poucos pais referem como causa da mudança de estabelecimento escolar o descontentamento com a qualidade da educação dada na escola em concreto.

Nos casos dos dos alunos que abandonaram a escola, a expulsão pode despoletar uma "peregrinação" dos alunos por várias escolas. Cada nova expulsão gera novas dificuldades para encontrar um novo estabelecimento escolar.

O desejo dos pais de encontrar uma “boa escola”, acaba por não surtir efeito devido à não receptividade das escolas para com alunos com um historial de repetência de anos e/ou expulsões. O relatório escolar e comportamental emitido pela última escola frequentada pelo menor, faz com que seja cada vez mais difícil encontrar um lugar dentro do sistema escolar. Os pais têm, em geral, uma opinião negativa dos estabelecimentos da zona, e a procura de novas escolas para os seus filhos costuma reduzir-se a uma zona de residência ou próxima da mesma. De acordo com a informação extraída das entrevistas, muitas das escolas não recebem alunos repetentes ou com um historial de conduta desviante. Outras, na medida em que lhes é possível, vão-se «desfazendo» dos alunos mais conflituosos.

O contínuo “trânsito” por diferentes escolas é uma característica dos alunos que abandonam a escola. De uma forma geral, passar de um estabelecimento para outro significa o início das dificuldades escolares ou de comportamento. Tal como se referiu, esta mudança pode dever-se à expulsão ou ao cancelamento da matrícula, mas também pode provir de situações que atormentam os alunos, como o abuso por parte dos colegas e/ou algum professor.

Em termos gerais, a trajetória escolar do grupo de alunos que abandonam a escola costuma ser mais complexa do que a desenvolvida pelo grupo de crianças e jovens que permanecem no sistema escolar. No caso destes últimos, observa-se que alguns repetem de ano, outros mudam de escola, mas sem a mesma frequência que se observa no primeiro grupo. Alguns dos estudantes, no entanto, parecem partilhar trajetórias semelhantes com alunos que abandonaram, pelos menos alguns aspetos; mas em boa parte destes casos observa-se como a ação de certos adultos – muitas vezes avós ou outros familiares próximos – parecem ter exercido uma ação protetora. Entre os alunos que abandonam a escola, por sua vez, constata-se que existe uma semelhança significativa nas suas trajetórias escolares. As características mais relevantes parecem ser a geração de atraso escolar, a experiência de situações de expulsão e a dificuldade em enraizar-se num estabelecimento de ensino concreto. Poucos alunos que abandonaram a escola parecem ter uma trajetória escolar normal, que correspondem, pelo menos na amostra seleccionada, a processos de abando escolar desencadeados por motivos de saúde ou gravidez. Isto é, subjetivamente a decisão parece imposta, aqui, por um agente externo e não constitui uma acumulação de eventos escolares.

4.1.2. As relações com os Professores

De uma forma geral, pode afirmar-se que os menores de ambos os grupos em estudo estabelecem relações semelhantes com os seus docentes. Em ambos os grupos são mencionadas situações de conflito, afeto, distância e/ou prote-

ção. Na realidade, o mesmo jovem pode estabelecer diferentes relações com diferentes adultos na escola, por isso são frequentes as considerações tanto positivas como negativas.

A maior parte dos menores de ambos os grupos são capazes de identificar experiências positivas na sua passagem pelo sistema escolar. Mas é preciso destacar que, quando se trata do grupo dos que abandonam a escola, estes não costumam referir-se à sua última experiência escolar, mas tende a ser uma situação prévia, estando, discursivamente, nos antípodas de uma má experiência.

Deste modo, as referências positivas a docentes específicos e, em algumas ocasiões do conjunto de professores de uma determinada escola, dão-se com relativa frequência nas famílias e menores de ambos os grupos. São abundantes quando o menor está nos primeiros anos da educação básica ou quando recordam os professores que tiveram nesses níveis de ensino. Os juízos de valor positivos também se apresentam quando a família sente que o docente se preocupa com as crianças; isto é, quando percebem que os professores e outros adultos da escola manifestam afeto, interesse pela aprendizagem do menor e a preocupação por explicar bem as matérias. As reações dos familiares costumam ser positivas.

Há que destacar que nalguns casos os entrevistados apontam para uma quebra nas relações com o estabelecimento escolar, que muitas vezes está vinculada a uma mudança da estrutura diretiva e à rotatividade dos professores. Este tipo de situações são mencionadas com mais frequência pelos alunos que abandonam a escolas e seus educadores.

Para além das entrevistas em que se registam opiniões positivas sobre os professores, o certo é que tanto estudantes como os que abandonam a escola afirmam ter sofrido algum tipo de maltrato físico ou psicológico por parte de algum docente no âmbito da sua vida escolar. Nas entrevistas são mencionadas diferentes situações de violência para com os menores, sistemática ou ocasional. Em certos casos o conflito atinge uma tal intensidade que gera uma resposta agressiva por parte do menor para com os docentes, alcançando, inclusivamente, a violência física.

“...uma professora (...) arranhou-me com as unhas compridas, apertou-me e tirou-me os cadernos, pôs-me fora da sala de aula, insultando-me e gritando (...) zanguei-me e atirei-lhe uma pedra ao para-brisas do carro(...) Depois não me deixou entrar na sala de aula”

(Claudio Salinas, abandonou a escola)

Em suma, não se verificam diferenças significativas entre ambos os grupos no que diz respeito às suas relações com os professores. Aqui as experiências ambivalentes parecem ser a nota dominante, isto é, apresentam-se aspectos

tanto positivos como negativos no vínculo entre menores e docentes, sendo mais recorrente nas crianças que não abandonaram ao referir-se à existência de adultos no mundo escolar que são importantes no seu dia-a-dia.

4.1.3. As relações com os colegas

Tanto os estudantes como os que abandonaram a escola valorizam de forma ambivalente a relação com os colegas. Por um lado, alguns estudantes e suas famílias entendem a experiência escolar como agradável e positiva, devido à possibilidade de inter-relação com as amizades e os colegas. Assim, no caso de alguns alunos que abandonaram a escola a sua recordação positiva costuma estar associada ao grupo de colegas, ainda que esta não tivesse sido um fator protetor suficientemente forte.

Esta dimensão de sociabilidade da escola costuma ser mais valorizada pelos estudantes do que pelos familiares dos mesmos, que responsabilizam as amizades dos seus filhos de problemas pontuais que estes possam vir a ter. Noutros casos, os estudantes e alunos que abandonaram a escola declaram manter más relações com os seus colegas de turma, existindo situações de violência e assédio ou *bullying* que podem desencadear o abandono escolar, como por exemplo neste testemunho:

“Duas (alunas) eram mais altas e a outra era da minha altura (...) eram como que invejosas, quando eu passava elas empurravam-me e insultavam-me, diziam que me iam matar.”

(Catalina Villela, estudante)

A maior parte dos pais e adultos não refere as amizades feitas nos estabelecimentos escolares. Pelo contrário, muitas vezes as suas opiniões são negativas, parecendo-se às considerações que emitem sobre os amigos dos seus filhos do bairro onde vivem. O temor das más companhias é um item recorrente no discurso dos pais. Desta forma, está presente a percepção de que o mau ambiente da escola pode contagiar os menores, razão pela qual mudam os filhos de escola. Por outro lado, também existe o discurso positivo, e a construção de relações de amizade por parte do menor constitui uma forma de motivá-lo a assistir à escola.

Resumindo, a experiência escolar dos alunos em relação aos colegas costuma ser, na maioria dos casos, positiva, não se registando diferenças significativas entre ambos os grupos de menores entrevistados. Apesar do exposto, alguns processos de abandono escolar são desencadeados por situações de abuso e maus tratos por parte dos colegas.

4.2. Fatores intraescolares que explicam o abandono escolar

4.2.1. O mau ambiente na escola

Alguns dos menores que abandonaram a escola tiveram uma experiência particularmente violenta e ameaçadora, o que se transforma na causa fundamental do seu abandono. É um fenómeno que se verifica tanto em rapazes como raparigas, ainda que com rasgos distintos num e outro grupo. No caso dos homens, por exemplo, observam-se maiores quotas de violência física, enquanto que nas mulheres, ainda que a violência não esteja ausente, há uma maior prevalência daquilo a que a literatura denomina *bullying*. Neste sentido, o ambiente da escola pode ser um fator que propicia a expulsão se é entendido – o ambiente escolar – como um espaço que ampara a agressividade e a violência e onde os estudantes se sentem indefesos e desprotegidos perante possíveis ameaças dos colegas ou dos próprios professores.

Para os alunos que abandonaram a escola e suas famílias, as situações de violência têm muitas vezes uma origem externa à escola. Para eles, o setor onde está situado o estabelecimento ou os grupos formados no espaço social externo, e muitas vezes contíguo à escola, constituem uma ameaça direta à integridade dos seus filhos. De uma forma geral, esta situação é agravada pelo consumo e tráfico de drogas. A opção que alguns pais tomam perante estas situações que consideram extremas é a de não deixar os filhos frequentar a escola. Nalguns casos esta decisão temporal pode adquirir caráter permanente, como se constata no seguinte testemunho:

“Ele teve um problema pontual por defender uma criança mais pequena e ameaçaram-no, porque eles andam com facas e até com pistolas. (...) Depois já não quis que ele fosse à escola porque são bastante perigosos.”

(Mãe de Ramón Meneses, abandonou a escola)

O mau ambiente da escola como causa do processo de abandono escolar também pode ter uma origem interna nos estabelecimentos de ensino. Trata-se de conflitos ou grupos que não existem *a priori* na escola, mas que se vão constituindo e formando no interior da mesma. Uma das expressões extremas deste tipo de conflitos é o fenómeno do *bullying*. Em muitos menores verificam-se casos de abandono de ambos os sexos devido a violência entre colegas ou docentes, mas somente uma parte chega a abandonar o sistema escolar devido a este tipo de caso.

Os adultos entrevistados afirmam que a escola, os seus professores e pessoal da direção costumam tomar muito poucas medidas para evitar este tipo de situações de violência física e psicológica que estão na base do abandono

escolar de alguns menores. Este tipo de acontecimentos pode reforçar o *déficit* escolar e de socialização destas crianças, aumentando o isolamento e propiciar o abandono. Na maior parte destes casos, a decisão de deixar a escola é tomada pelo adulto responsável pelo menor.

4.2.2. Mau comportamento na escola

Uma das causas frequentemente apontadas para o abandono do sistema escolar é o mau comportamento sistemático dos menores. Este fato está associado à expulsão por parte de diferentes escolas e com a crescente dificuldade dos pais para encontrar uma nova escola. Trata-se de um processo de expulsão cuja responsabilidade é do sistema escolar, onde se fecham as portas do mesmo aos menores cujo historial é negativo. A possibilidade de selecionar alunos é uma prática aceite nos centros educativos chilenos.

O mau comportamento dos alunos tende a agravar-se com o passar do tempo, somando-se a má disposição dos alunos em relação a certas rotinas escolares e problemas com colegas ou professores, tal como se observa no seguinte testemunho:

"No meio do ano deixou a escola. É desordenado, expulsam-no de todas as escolas. (...) Troça de toda a gente e de todos os miúdos."

(Mãe de Héctor Salazar, abandonou a escola)

4.2.3. Problemas graves com os professores

Outro dos aspetos que explica o fenómeno do abandono escolar deve-se à existência de conflitos – de diferente magnitude – com os docentes ou diretores das escolas. Este tipo de processos de abandono pode estar associado a outros fatores, como a crescente distância que se estabelece entre o jovem e a cultura escolar. Tudo isto é agravado pela dificuldade de estabelecer relações de confiança e proximidade significativas com os adultos da escola.

"Na Escola 241 não o ajudaram em nada. O diretor não queria saber de nada. A professora de Religião deu uma bofetada ao Felipe, chamou-lhe ladrão em frente da turma, ele ficou nervoso e com o cabo de uma vassoura bateu na professora. (...) Tirámo-lo da escola porque se punha doente e tinha problemas com o diretor. Optei por retirá-lo da escola porque não queria que se passassem coisas piores."

(Mãe de Jorge Reyes, abandonou a escola)

4.2.4. Rotina escolar e processos de aprendizagem

Um dos fatores que mais frequentemente se aponta para explicar as origens da abandono escolar é o desinteresse e aborrecimento com as rotinas próprias da instituição escolar e com as atividades pedagógicas básicas da escola. Este

tipo de causas tende a estar associado a trajetórias educativas difíceis, onde se verificaram fenómenos de repetição de ano ou mudanças frequentes de escola, tal como se pode ver através deste testemunho.

"Eu deixei de ir à escola porque adormecia na sala de aula, não fazia os deveres, aborrecia-me e era bastante desordenado."

(Carlos Durán, abandonou a escola)

Este fator propriamente escolar tem uma elevada incidência no caso dos menores com problemas de comportamento ou idade não correspondente ao ano que frequentam. A decisão de abandonar a escola costuma ser feita pelos próprios menores. Noutros casos, esta resistência é mais ativa e assume um discurso sumamente crítico com o tipo de ensino e didática da escola.

5. Conclusões

A maioria dos que abandonam a escola evidencia uma trajetória educativa complexa, que costuma distanciar-se, à medida que o tempo passa, do que se pode considerar um itinerário normalizado. Nem todos os que abandonam a escola têm um percurso semelhante, mas há rasgos comuns, que importa destacar. No caso dos estudantes, como seria de esperar, o percurso educativo tem menos sobressaltos, ainda quando se identificam, na sua trajetória, alguns fatores semelhantes aos dos abandonam a escola.

A maioria dos que abandonam a escola tem um percurso caracterizado por repetições de ano, mau rendimento escolar, mau comportamento, ausências frequentes às aulas e mudanças sucessivas de escola. Nestas situações constatou-se uma fraca capacidade das famílias e das escolas para enfrentar as dificuldades. Tal como se observou, no caso de muitos alunos que abandonam a escola, a resposta da instituição escolar costuma ser a expulsão e/ou a proibição de inscrição daqueles alunos considerados difíceis.

No grupo de estudantes também se observou que muitos tinham dificuldades escolares ou familiares relevantes, nalguns casos de magnitude semelhante ao grupo dos alunos que abandonaram a escola. No entanto, nestes casos não se verificou – até ao momento da entrevista – o abandono da escola, o que se pode atribuir a uma maior capacidade protetora da família e eventualmente a uma nova geração que cultiva melhores relações com os docentes e colegas. Trata-se de estudantes que revelam dificuldades escolares semelhantes e, em muitas ocasiões, desânimo e distanciamento face ao mundo escolar, mas que, apesar de tudo, se mantêm no mesmo estabelecimento de ensino.

Outro segmento dos que não abandonaram a escola apresenta uma distância importante em relação aos que abandonaram a escola. Nestes casos não se observa a presença de rasgos comuns entre ambos os grupos. Por exemplo, nos

estudantes existe uma frequência menor na mudança de escola, não há repetências múltiplas, verifica-se menos conflituosidade, e existe um maior interesse do adulto para com a vida escolar do aluno.

No âmbito das relações com os docentes constata-se uma ambivalência evidente, não havendo diferenças significativas entre ambos os grupos em análise. Por um lado, muitos dos menores e suas famílias valorizam positivamente a relação com os docentes da escola; costumam referir o trabalho dos educadores, o cuidado e a proteção de algum docente específico. Esta referência surge em grande parte das entrevistas, sem distinção de grupos. Por outro lado, em muitas ocasiões, as famílias e os menores também narram situações negativas na sua relação com os docentes, referindo situações de mau trato físico e psicológico por parte dos professores. Neste item podem ser identificadas algumas diferenças entre os grupos analisados, dado que entre aqueles que abandonam, valorizam negativamente a última experiência escolar que tiveram: para alguns alunos que abandonaram a escola é a má relação com o professor a principal causa, enquanto outros valorizam de forma negativa a última escola que frequentaram.

No que concerne a relação dos menores com os seus pares, a análise da experiência dos que abandonaram a escola e os estudantes revela-se relativamente semelhante. Muitos dos menores referem o espaço escolar como um lugar onde têm amigos, e que gostam de frequentar a escola precisamente por esta razão. A socialização é agradável, tanto para uns como para outros. No entanto, para outra parte de menores, a escola é vista como menos amigável: são descritas lutas físicas frequentes, a existência de *gangs* organizados, vandalismo, abusos sistemáticos, etc. A diferença entre os que abandonam e não abandonam a escola está na experiência em relação a este aspeto por parte do primeiro grupo poder ser mais negativa, motivando o abandono escolar por temor a situações de violência e abuso por parte de outros menores.

Note-se que os resultados obtidos correspondem a um número reduzido de casos, a informação recolhida poderia ser útil para futura aplicação de políticas institucionais e estratégias para o não abandono escolar dos estudantes de risco, como para a reinserção dos que abandonam a escola precocemente. Considerando que as características e o contexto da população estudada são possíveis de encontrar noutras zonas no Chile, assim como também noutras regiões latino-americanas, os resultados permitem estabelecer paralelismos entre os fatores desencadeadores do abandono escolar em cenários semelhantes.

Por último, o fato de muitos processos de abandono escolar terem como causa questões de índole intraescolar permite abrir um vasto campo de ação no interior das próprias escolas para a implementação de medidas que ajudem a reduzir as taxas de abandono. Não obstante, se bem que a solução do proble-

ma não se encontre totalmente nos estabelecimentos de ensino, não devemos esquecer que, como indicado pela profícua literatura analisada, o abandono escolar também está associado a variáveis extraescolares – nível sócio-económico, capital cultural, etc. – que remetem para problemas estruturais da nossa sociedade. Neste sentido, qualquer medida tomada no seio das escolas deve necessariamente considerar as características do contexto mais amplo em que se encontram os menores – as famílias, os bairros, e a relação entre pares, etc. Talvez a incapacidade mostrada até ao momento pelas escolas para impedir o abandono dos estudantes se explique pela falta de uma visão integral, que é absolutamente necessária para que os menores completem a sua escolaridade, especialmente os setores mais vulneráveis.

Tradução do original em castelhano: Daniel Silva Branco

Revisão Científica: José Brás & Maria Neves Gonçalves

Nota

Os autores agradecem o financiamento atribuído pelo projeto FONDECYT N° 1090730 intitulado "Factores que incidem no abandono escolar e as suas implicações em setores vulneráveis: Um estudo de caso", onde se insere este artigo.

Referências Bibliográficas

- Asociación Chilena Pro Naciones Unidas. (2006). *La deserción escolar en Chile ¿Prioridad en la agenda educativa?* Santiago de Chile: Foro Nacional Educación de Calidad para Todos, UNESCO. Disponível em http://www.redligare.org/IMG/pdf/desercion_escolar_chile_flamey.pdf, consultado em 07/07/2009.
- Balfanz, R., Herzog, L. Y Mac Iver, D.J. (2007). Preventing student disengagement and keeping students on the graduation path in urban middle-grades schools: Early identification and effective interventions. *Educational Psychologist*, 42, 223-235.
- Bowditch, C. (1993). Getting rid of troublemakers: high school disciplinary procedures and the production of dropouts. *Social Problems*, 40 (4), 493-509.
- Bryk, A. & Thum, M. (1989). The effects of high school organization on dropping out: an exploratory investigation. *American Educational Research Journal*, 26 (3), 353-383.
- Cabrera, A.F. & La Nasa, S.M. (2001). On the path to college: Three critical tasks facing America's disadvantaged. *Research in Higher Education*, 42, 119-149.
- Cairns, R., Cairns, B. & Neckerman, H. (1989). Early school dropout: configurations and determinants. *Child Development*, 60 (6), 1437-1452.
- Comisión Económica para América Latina y el Caribe (2005). *Objetivos de desarrollo del milenio: Una mirada desde América Latina y el Caribe*. Santiago de Chile: Naciones Unidas. Disponível em <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/1/21541/lcg2331e.pdf>, consultado em 21/06/2009.
- Comisión Intersectorial de Reinserción Educativa (2006). *Programa intersectorial de reescolarización: Construyendo alternativas educativas para niños, niñas y adolescentes en situación de vulnerabilidad*. Santiago de Chile: Foro Nacional Educación de Calidad para Todos, UNESCO. Disponível em http://www.redligare.org/IMG/pdf/desercion_escolar_chile_flamey.pdf, consultado em 07/07/2009.
- Croninger, R.G. y Lee, V.E. (2001). Social capital and dropping out of high school: Benefits to at-risk students of teachers' support and guidance. *Teachers College Record*, 103, 548-581.
- Dazarola, P. (2001). *Estudio cualitativo de la relación entre deserción escolar e incorporación*

- temprana al mundo del trabajo en la Región de Los Lagos*. Santiago de Chile: Programa Liceo para Todos, Ministerio de Educación.
- Dijk, T.A van (1980). *Estructuras y funciones del discurso: una introducción a la lingüística del texto y a los estudios del discurso*. México: Siglo XXI.
- Elmore, R.F. (2004). *School reform from the inside out*. Cambridge, MA: Harvard Education Press.
- Espíndola, E. Y León, A. (2002). La deserción escolar en América Latina: Un tema prioritario para la agenda regional. *Revista Iberoamericana de Educación*, 30, 39-62.
- Espinoza, O., Castillo, D., González, L. E. & Loyola, J. (2010). Discusión teórica en torno a los determinantes de la deserción escolar. Documento de Trabajo CIE N° 3, Centro de Investigación en Educación, Universidad Ucinf, Disponible em http://www.ucinf.cl/files/CIE_doc_discusion_teorica, consultado em 07/07/2009.
- Fairclough, N. (2003). *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge.
- Finn, J.D., Gerber, S.B. y Boyd-Zaharias, J. (2005). Small classes in the early grades, academic achievement, and graduating from high school. *Journal of Educational Psychology*, 97, 214-223.
- Goldschmidt, P. y Wang, J. (1999). When can schools affect dropout behavior? A longitudinal multilevel analysis. *American Educational Research Journal*, 36 (4), 715-738.
- Jimerson, S.R., Anderson, G.E., y Whipple, A.D. (2002). Winning the battle and losing the war: Examining the relation between grade retention and dropping out of high school. *Psychology in the Schools*, 39, 441-457.
- Hoy, W.K., Tarter, C.J. y Hoy, A.W. (2006). Academic optimism of schools: A force for student achievement. *American Educational Research Journal*, 43, 425-446.
- Instituto Nacional de Estadísticas (2003). *Censo de Población 2002*. Santiago de Chile: INE.
- Lee, V.E. y Burkam, D.T. (2003). Dropping out of high school: The role of school organization and structure. *American Educational Research Journal*, 40, 353-393.
- Marshall, T. (2003, noviembre). *Algunos factores que explican la deserción temprana*. Trabajo presentado en el Seminario Internacional Abriendo Calles, CONACE-SENAME, Santiago de Chile.
- McNeal, R.B. (1995). Extracurricular Activities and High School Dropouts. *Sociology of Education*, 68 (1), 62-80.
- Ministerio de Planificación (2010). *Educación. Encuesta Casen 2009*. Santiago de Chile: MIDEPLAN, disponible em <http://www.mideplan.cl>, consultado em 25/08/2010.
- Raczynski, D. (2002). *Proceso de deserción escolar en la educación media. Factores expulsores y protectores*. Santiago de Chile: Instituto Nacional de la Juventud.
- Rumberger, R.W. (1987). High school dropouts: a review of issues and evidence. *Review of Educational Research*, 57 (2), 101-121.
- Ream, R.K. (2005). Toward understanding how social capital mediates the impact of mobility on Mexican American achievement. *Social Forces*, 84, 201-224.
- Ream, R.K. y Rumberger, R.W. (2008). Student engagement, peer social capital, and school dropout among Mexican American and non-Latino white students. *Sociology of Education*, 81, 109-139.
- Roderick, M. (1994). Grade retention and school dropout: investigating the association. *American Educational Research Journal*, 31 (4), 729-759.
- Roderick, M. (1995). Grade retention and school dropout: policy debate and research questions. *Phi Delta Kappa Research Bulletin*, 15, 1-7.
- Rumberger, R.W. (1995) Dropping out of middle school: a multilevel analysis of students and schools. *American Educational Research Journal*, 32 (3), 583-625.
- Rumberger, R.W. (2001, enero). *Why students dropout of school and what can be done*. Trabajo presentado en la Conferencia Dropouts in America: How severe is the problem? What do we know about intervention and prevention?, Harvard University, Boston, Estados Unidos. Disponible em <http://www.civilrightsproject.ucla.edu/research/dropouts/rumberger.pdf>. consultado 25/08/2010.

- Rumberger, R.W. y Lim, S.A. (2008). *Why students drop out of school: A review of 25 years of research*. California Dropout Research Project Report #15. Santa Barbara, California: University of California.
- Rumberger, R.W. y Palardy, G.J. (2005). Test scores, dropout rates, and transfer rates as alternative indicators of high school performance. *American Educational Research Journal*, 41, 3-42.
- Rumberger, R. y Thomas, S. (2000). The distribution of dropout and turnover rates among urban and suburban high schools. *Sociology of Education*, 73 (1), 39-67.
- S.R., Mersky, J.P., Reynolds, A.J. y Kohler, K.M. (2007). Alterable predictors of educational attainment, income, and crime: Findings from an inner-city cohort. *Social Service Review*, 81, 85-128.
- Yin, Z.N. y Moore, J.B. (2004). Re-examining the role of interscholastic sport participation in education. *Psychological Reports*, 94, 1447-1454.
- Worrell, F.C. y Hale, R.L. (2001). The relationship of hope in the future and perceived school climate to school completion. *School Psychology Quarterly*, 16, 370-388.

Oscar Espinoza Díaz

Investigador do PIIE e do CPCE da Universidade Diego Portales.
oespinoza@ucinf.cl

Dante Castillo Guajardo

Investigador do Programa Interdisciplinar de Investigações
em Educação (PIIE).

Luis González Fiegehen

Investigador do Programa Interdisciplinar de Investigações
em Educação (PIIE).

Javier Loyola Campos

Investigador júnior do Centro de Investigação em Educação, na
Universidade UCINF.

Eduardo Cruz Grau

Investigador do Programa Interdisciplinar de Investigações
em Educação (PIIE).